

“Inauguração de uma galeria de arte” e “A Gioconda de Astracã”*

Velimir Khlébnikov

Tradução de Ludmila Menezes Zwick**

Resumo: Os textos *Inauguração de uma galeria de arte* e *A Gioconda de Astracã* foram publicados por Velimir Khlébnikov no jornal político-militar de sua cidade natal, *O soldado vermelho*, entre setembro e dezembro de 1918, durante uma estadia do poeta na casa dos pais, de agosto de 1918 a janeiro de 1919. Na ocasião, ele publicou quatro textos curtos, dentre os quais os dois ora traduzidos.

Abstract: The texts *Opening of an Art Gallery* and *The Astrakhan Gioconda* were published by Velimir Khlebnikov in the political-military newspaper of his hometown, *The Red Soldier*, between September and December 1918, during a stay of the poet at his parents' house from August 1918 to January 1919. At the time, he published four short texts, two of which were now translated.

Palavras-chave: Velimir Khlébnikov; Arte russa; Astracã.

Keywords: Velimir Khlebnikov; Russian Art; Astrakhan.

Inauguração de uma galeria de arte¹

* Tradução submetida em 21 de novembro de 2019 e aprovada em 03 de dezembro de 2019.

** Mestra em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo e Doutora em Literatura e Cultura Russa pela mesma universidade. E-mail: lincecapelia@gmail.com

Neste domingo, 15 de dezembro, foi inaugurada uma galeria de arte idealizada por P. Dogadín.² A coleção foi composta com um notável bom gosto e abarca muitas correntes da pintura russa, muito embora nada à esquerda, do Mundo da Arte.³

1 O interesse de Khlébnikov pela arte foi formado nos anos do ginásio, quando ele se dedicou à pintura. Outro aspecto relevante é o fato de que sua irmã Vera, que, nos primeiros anos após a Revolução, havia estudado pintura nas escolas e oficinas particulares russas e estrangeiras, estava residindo em Astracã e envolvida diretamente com a vida artística local. (Nota baseada na edição russa, doravante mencionada como *N. da E.*).

2 O engenheiro Pável M. Dogadín (1876-1919) nasceu em uma família de comerciantes de Astracã e recebeu uma refinada educação. A então denominada Galeria Regional de Arte de Astracã surgiu por sua iniciativa no começo da década de 1910. Com este intuito, enviou um depósito em dinheiro a Moscou para que o famoso colecionador A.G. Gólikov adquirisse várias pinturas; em cinco anos, ele possuía cerca de 130 obras. Em 1916, embora já tivesse cogitado fazer a transferência da coleção, ele hesitou, pois não a considerava completa; contudo, os eventos de outubro de 1917 o forçaram a realizar a empreitada. (*N. da T.*)

3 O Mundo da Arte (*Mír iskússtva*), ativo de 1898 a 1927, surgiu entre a denominada sociedade dos Artistas Itinerantes (*Peredvíjniki*) e a vanguarda russa, todos comprometidos com a ruptura das normas acadêmicas. O Mundo da Arte foi o resultado da união dos artistas moscovitas Konstantin Koróvin, Valentin Sérov, os irmãos Vasnetsóv, Mikhail Vrúbel e Mikhail Nésterov aos artistas petersburguenses Aleksandr Benois, Walter Nouvel, Dmítri Filóssofov, Konstantín Sómov, Serguéi Diáguilev e León Bakst, que se autodenominavam os Pickwickianos de Névski, numa alusão a Samuel Pickwick, o protagonista do primeiro romance de Charles Dickens, *Os cadernos de Pickwick* (1836). (Pickwick é um empresário aposentado e o fundador e presidente do Clube Pickwick; ele serve à crítica social de Dickens à sociedade inglesa vitoriana. Com estereótipos, o autor critica os membros "respeitáveis", como os falsos pregadores, os advogados e os magistrados e sua distorção das leis para a promoção da corrupção

Aqui encontramos até o venerável Chíchkin⁴ com seu modo de pintar enxuto e mórbido.⁵ O olhar deste artista apreende de modo servil a natureza tal como a lenticula de um dispositivo fotográfico, servil e precisamente. Ele recompôs a natureza como um escravo desalmado e tácito, recusando a mediação pictórica ou os clamores volitivos.

O audaz e colorido rebelde Maliávin, o “Rázin⁶ das telas es-carlates”, está representado pelo esboço comedido *Mulherio*. Esse artista faculta ao vermelho de suas telas uma liberdade

no sistema carcerário da época – muitos pobres eram presos por crimes ridículos, como dívidas, e terminavam padecendo de fome e frio –, os políticos desonestos, os jornalistas parciais e, por fim, a própria relação que vinha sendo estabelecida entre patrão e empregado, base da burguesia e da Revolução Industrial.) Muitos desses artistas expuseram e se tornaram conhecidos em toda a Europa graças a Diáguilev. Eram artistas de toadas distintas que estavam reunidos a despeito das diferenças; mais tarde se reuniram a eles paisagistas como Issaák Levitán. Benois, juntamente com Diáguilev, atuou como editor na revista mensal *Mundo da arte*, publicada de 1898 a 1904. (N. da T.)

4 Ivan Chíchkin (1832-1898) caracteriza-se por sua precisão técnica, uma expressividade matemática com métrica e planejamento impecáveis; sua arte concretiza-se sem desvios, explosões de cores, excessos de contrastes ou distorções, entre outras práticas, muito associadas à ânsia de expressão instintiva e reivindicadas por uma geração de artistas que queria se expressar independentemente da aprovação da academia. Nesse instante, a arte reivindicava uma expressividade menos passiva e obediente, algo mais capaz de tratar das inquietações de sua época e ultrapassar assim os requisitos oficiais da expressão; ouvia-se o clamor de todos os grupos de artistas formados na Era de Prata – tais como o Mundo da Arte, a Rosa Azul, o Velocino de Ouro, entre outros – além da vanguarda da arte russa. (N. da T.)

5 Acerca do estilo desse reconhecido pintor de paisagens, a classificação de “enxuto e mórbido” coincide com a avaliação de seu trabalho registrada em artigos de Davi Búrluk e Vladímír Maiakóvski, de 1912 a 1914. (N. da E.)

6 Alusão ao líder cossaco Stienka Rázin. A revolta cossaco-camponesa liderada por Stienka Rázin, em 1670-1671, foi o mais longo levante entre os muitos ocorridos nesse período. (N. da T.)

sem precedentes, dessa penumbra pagã emerge uma mulher morena dos campos russos, e ele foi o primeiro a acostumar o olhar dos espectadores ao “estandarte vermelho”. Assim, a chama vermelha de sua alma cortou o caminho ao encontro de nossa época.

Riépin assinou a sua debilidade e a sua peculiar frouxidão adocicada, tocando na temática de *Prometeu*.⁷

Benois, impessoal e medíocre,⁸ como sempre e em todos os aspectos, é exibido numa paisagem de Pequim ao anoitecer. E é essencial que assinalemos as *Rosas murchas* de Sapunóv⁹ e as *Rochas* de Rérikh.¹⁰

Pertence a Nésterov a bela e notável obra *Além do Volga*, repleta de uma formosura ativa e de desânimo taciturno. Em outra de suas obras, *A aparição ao jovem Bartolomeu*,¹¹ se vê

7 Refere-se à aquarela de Iliá Riépin (1844-1930) baseada no poema *Cáucaso*, de Tarás G. Chevtchénko (1814-1861). (N. da E.)

8 A aquarela é na verdade de Albert Benois (1852-1936), embora a avaliação de Khlébnikov seja obviamente dirigida a Aleksandr Benois (1870-1960), com quem os futuristas polemizaram duramente. (N. da E.)

9 Alusão à pertença de Nikolai N. Sapunóv (1880-1912) ao grupo *Rosa azul*. (N. da E.) Tal grupo, representante do simbolismo, muitas vezes elegia a tempera como recurso expressivo e, além de paisagens, pintava naturezas-mortas, preferencialmente flores e porcelana antiga. (N. da T)

10 O interesse de Khlébnikov pelo eslavo arcaico e mais tarde pelo hinduísmo e budismo o aproxima de Nikolai Rérikh (1874-1947), o que motivou a pesquisa que estabelece um paralelo entre ambos, “Rérikh e Khlébnikov”, presente na obra *Rússia encantada* (1990), de Guénrikh P. Gúnkín (1930-2006). (N. da E.)

11 A obra pertence a uma série de narrativas pictóricas vinculadas à narrativa *Vida de São Sérgio*, escrita por seu aluno Epifânio, o Sábio. O jovem Bartolomeu é o futuro Sérgio. A cena refere-se ao instante em que o jovem pede a um monge-anjo do Senhor que realize seu desejo de tornar-se alfabetizado. O primeiro esboço da imagem apareceu durante a viagem de Nésterov à Itália, no caderno de desenhos da ilha de Capri. A pintura, que amalgama a ingenuidade da alma camponesa e sua religiosidade à paisagem campesina, foi consagrada na 18ª Exposição dos Artistas Itinerantes, em Moscou. (N. da T)



Fig. 1. Além do Volga, **Mikhail Nésterov, 1905.**

Galeria de arte de Astracã.

Nos óleos sobre tela, de variados artistas, e na aquarela de Vrúbel da Galeria de Arte de Astracã faltam as medidas das obras, pois, à exceção das obras Remador Cossaco, de Súrikov, e A ceifeira, de Malévitch, o site do museu não as indica. (N. da T)

um menino de calçado camponês, com um azorrague pastoril e uma auréola dourada em torno dos cabelos claros, extasiado ante a aparição de um venerável *stáriets* do além, um monge de *klobúk* recostado a uma árvore. A obra é a joia¹² de toda a coleção.

Pertence a Súrikov a cabeça de um arqueiro, um esboço para o seu *Stienka Rázin* (Fig.1).

Exibem-se algumas obras de Sérov, com sua vigorosa pincelada “fraternal”, e de Sómov, dono de uma “cidadina” pincelada refinada. De Teodoróvitch-Karpovskaia¹³ há uma única e bela obra...

Do grandioso Vrúbel exhibe-se um esboço para sua *Prin-*

12 A qualificação do esboço de M.B. Nésterov (1862-1942), adquirido por Dogadín em 1915, como sendo “a pérola de toda a coleção”, também se encontra num artigo posterior (1919) acerca dessa galeria de arte, publicado nas Notas científicas do Estado de Astracã, escrito por Dmitri S. Ússov (1896-1943). (N. da E.)

13 Refere-se à obra que retrata um ateliê de artista da polonesa Elena T. Teodoróvitch-Karpovskaia (1894-1944). (N. da E.) A artista residiu na Rússia por apenas seis anos; essa obra denominada *Interior* (1917) foi adquirida pelo mosaicista Vladímír A. Frolóv (1874-1942) ao ser exibida na exposição estudantil da competição da Academia de Artes de 1917 e repassada a Dogadín. As obras da artista chegaram a ser exibidas numa exposição dedicada a ela em 1939, em Varsóvia, mas mais tarde se perderam nos bombardeios. A artista perdeu o pai em um desses bombardeios e ela própria e sua mãe foram baleadas durante a repressão fascista da Revolta de Varsóvia, em 1944. (N. da T)



Fig. 2. A aparição ao jovem Bartolomeu, **Mikhail Néstеров, 1889-1890.**

Galeria de Arte de Astracã.

Fig. 3. Remador cossaco (Estudo para a pintura Stienka Rázin), **Vassili Súrikov, 1906.**

Óleo sobre tela, 41x51cm.

Galeria de Arte de Astracã.



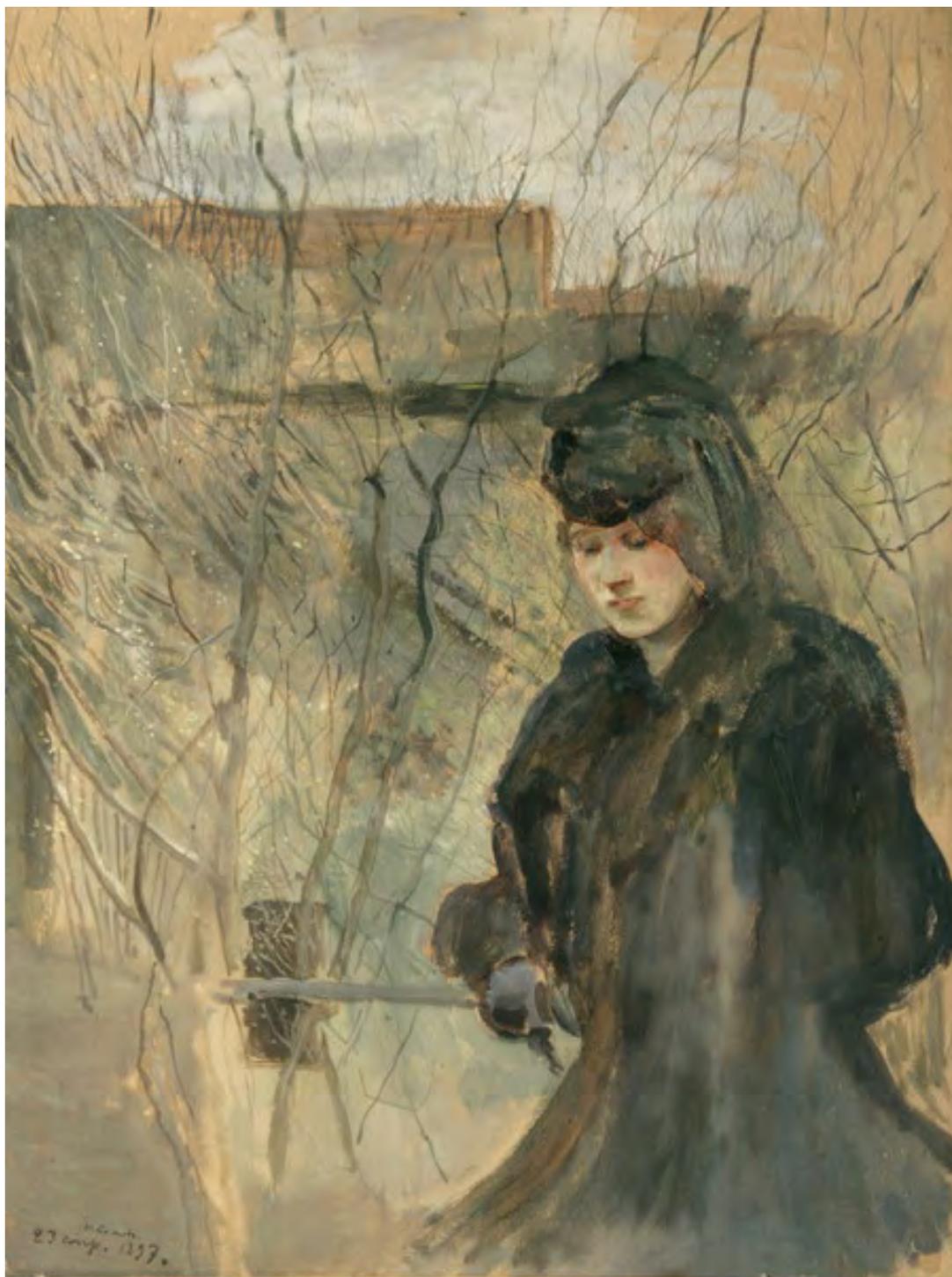


Fig. 4. Dama com paisagem primaveril, **Konstantín Sómov, 1897.** Galeria de Arte de Astracã.



Fig. 5. Interior, Elena T. Teodoróvitch-Karpovskaia, 1917. Galeria de Arte de Astracã.

cesa-cisne. Vrúbel é o Mickiewicz¹⁴ da pintura; à fúria escarlate de Maliávin, à silenciosa renúncia e partida da existência de Nésterov, à austeridade indomável de Súrikov, ele acrescenta sua própria paleta e brio de cores em narrativas pagãs.

As forças artísticas de Astracã estão agora concentradas em um coletivo de artistas, exibidas pelos coloristas Kustódiev, por Máltsev e Kotóv. A *Verochka* de Kotóv,¹⁵ ensolarada e inun-

14 Refere-se ao poeta polonês Adam Bernard Mickiewicz (1798-1855), muito traduzido e apreciado na Rússia. (N. da T)

15 Piotr I. Kotóv (1889-1953) foi retratista e membro titular da Academia de Artes da antiga URSS; trabalhou em Astracã de 1917 a 1922, onde organizou oficinas de arte. (N. da E.). A obra *Verochka* foi apresentada na exposição de artistas de Astracã na primavera de 1918, onde P. Dogadín a adquiriu. (N. da T)



Fig. 6. Princesa-cisne,
Mikhail Vrubel, 1894.
Esboço feito para a produção teatral de Sávia Mámontov da obra de Púchkin
Contos do tsar Saltán.
Galeria de Arte de Astracã.

dada de cores, é uma esperança vultosa. A coleção também inclui cartas de Tolstói, Scriábin, Dostoiévski e outros. A coleção abarca a pintura russa entre os Artistas Itinerantes e os do Mundo da Arte.

Quiçá em algum momento futuro, ao lado de Benois, vejamos o céptico indomável Búrluk ou o belo mártir Filônov, um vate pouco conhecido do sofrimento citadino; e haja lugar nessas paredes para o raionismo de Lariônov, para as telas abstratas de Malévitch¹⁶ e para o tatlinismo¹⁷ de Tátlin. É verdade que em

16 Na ala que homenageia Kustódiev há atualmente na galeria, entre outras obras dos vanguardistas, *A ceifeira* (1913), de Malévitch. (N. da T.)

17 Ao lermos as obras pictóricas de Liubón Popóva, Vladímír Tátlin e Lázár

sua obra muitas vezes há tanto menos arte quanto mais uma audaciosa explosão de todos os pilares da pintura; ele zela por esse ou por aquele pilar artístico estourado.

Assim como um químico decompõe a água em hidrogênio e oxigênio, esses artistas decompuseram a arte da pintura em suas forças componentes, às vezes subtraindo os princípios da cor, às vezes, da linha. Essa corrente de investigação pictórica ausenta-se inteiramente da coleção de Dogadín.

Fig. 7. Cabeça de menina,
Boris Kustódiev, 1897.
Galeria de Arte de Astracã.



Lissítzky, enxergamos as mutações do construtivismo, entre as quais o tatlinismo, percebendo as referências industriais que mesclaram a aparência da arquitetura e do design à pintura abstrata com intuito de assimilar o cotidiano da vida soviética. Com isso a posição privilegiada da arte descia do pedestal para integrar-se à vida comum; os materiais utilitários foram integrados à arte e houve uma predominância da engenharia em detrimento da arte clássica. (N. da T.)



Fig. 8. Verochka, **Piotr Kotóv, 1818.**
Galeria de Arte de Astracã.



Fig. 9. Poesia, **Boris Kustódiev,**
1908.
Galeria de Arte de Astracã.



Fig. 10. A ceifeira, **Kazímír Malévitch, 1913.**

Óleo sobre tela, 60x68cm.

Galeria de Arte de Astracã.

A Gioconda de Astracã

Seguramente vocês já viram telas antigas obscurecidas em ouro quente, mas que de tempos em tempos se revestem de uma pele sedosa, uma pelugem especial, uma pátina de ouro em pó.

Vocês veem a mão de um grande artista, mas não há uma assinatura na tela.

Na Itália, terra natal da pintura antiga, as cidades salvaguardam tais telas como quem protege seu único olho remanescente.

Os senhores recordam da Gioconda de Leonardo da Vinci? Furtada por algum admirador enlouquecido, mas que, após mil incidentes, foi finalmente recuperada com grande solenidade para sua cidade natal.

As cidades que, ao longo dos séculos, preservaram essas telas antigas tornaram-se a melhor moldura para elas. Uma moldura composta da população citadina e de pessoas vivas – como uma moldura de madeira seria melhor?

Astracã tem uma Gioconda¹⁸ própria. A Madona do grandioso Leonardo da Vinci. Sem qualquer notoriedade e abandonada,

18 As polêmicas que envolvem a atribuição do trabalho de Leonardo da Vinci ainda não se encerraram. Para alguns estudiosos existe um número ainda não determinado de pinturas do artista, para outros existem cerca de quinze de suas obras ao redor do mundo, das quais, além daquelas que estão distribuídas em museus de menor porte, cinco encontram-se no Louvre, uma em Uffizi (Florença), uma na Pinacoteca de Munique, outra no Museu Czartoryski (Cracóvia), outras nas Galerias Nacionais de Washington e de Londres, e duas no Ermitage. A primeira *Madona e o menino*, considerada a obra inaugural de Da Vinci, estava com a família Sapóznikov-Benois, formada pela união entre Leonti Benois e Maria A. Sapóznikova, e chegou ao Ermitage pelas mãos dos herdeiros Aleksiéi e Aleksandr Sapóznikov. Desde então, passou a ser conhecida como a *Madona de Benois*. A segunda permaneceu por muitos séculos na Itália, sendo desde 1813 propriedade da família Litta, até o casamento do conde milanês Giulio Renato Litta com a condessa Ekaterina Skavronskaia, então viúva do embaixador russo na corte de Nápoles. (N. da T.)

ela fazia parte da coleção dos Sapójnikov,¹⁹ depois, foi descoberta pelo conhecido pintor Benois e vendida por ele, por 100 mil rublos, ao Museu do Ermitage. De modo simples e gentil.

Mas essa tela não poderia ser distinguida como um patrimônio público da cidade de Astracã?

Se sim, então essa inestimável tela deve ser restituída à sua segunda pátria.

Petrogrado possui tesouros artísticos suficientes, e subtrair essa Madona de Astracã não seria como arrancar de algum pobre a sua derradeira ovelha?

A propósito, a Galeria de Arte de Astracã²⁰ encontra-se na margem do rio Kutúm, em frente da casa de Lbov.²¹

19 A coleção de obras dos séculos XVIII a XIX pertencera à família de milionários comerciantes de Astracã, piscicultores e proprietários de navios a vapor e barcaças que transportavam mercadorias ao longo do Volga. Os irmãos Sapójnikov foram responsáveis pela construção de templos e pela fundação de instituições educacionais, participando ativamente das esferas da vida citadina e provinciana. Eles pertenceram a uma das maiores e mais ricas dinastias industriais do Império Russo, da época pré-revolucionária. A coleção de arte da família foi iniciada por Piotr S. Sapójnikov (1762-1828), já no início do século XIX. Tal coleção continuou sendo enriquecida por seus descendentes ao longo de um século e possuía arte flamenga, italiana, dentre outras, tendo entre seus artistas obras de Rubens, Ticiano e Van Dyck. Em meio às obras figuravam a *Madona e o menino*, mais conhecida como a *Madona de Benois*. (N. da T.)

20 Quando Khlébnikov a visitou, quase 101 anos atrás, a Galeria estava abrigada na pequena mansão de Pável Dogadín às margens do rio Kutúm, com seus móveis e sua biblioteca. Mais tarde, quando a residência de Dogadín ficou pequena para a crescente coleção, o museu mudou-se para a mansão de três andares construída entre 1906-1908 por Ivan N. Plótnikov (1857-1917), oriundo de uma respeitada família de comerciantes. A mudança realizou-se em 12 de agosto de 1921. (N. da T.)

21 A autora agradece à Prof^a Dr^a Cristina A. Dunáeva, do Departamento de Artes Visuais da UnB – Instituto de Artes, que, a despeito de suas atribuições de final de ano, reservou algumas horas para uma leitura deste texto, contribuindo com revisões e sugestões.



Fig. 11. Madona e o menino (Madona de Benois), **Leonardo da Vinci, 1478-1480.**

Óleo sobre tela (transferido de óleo sobre madeira), 49,5x33cm.

Coleção de arte europeia – Pintura italiana dos séculos XIII-XVIII.

Adquirido da coleção de M.A. Benois em 1914. Museu do Ermitage.

Referência bibliográfica

Хлебников, Велимир. Собрание сочинений в шести томах. Под общей редакцией Р. В. Дуганова. Том шестой книга первая. Статьи (наброски). Ученые труды. Воззвания. Открытые письма. Выступления, 1904-1922. Москва: ИМЛИ РАН, 2005, С. 146-150 [Khlébnikov, Velímír. *Coletânea de obras em seis volumes*. Ed. por R.V. Dugánov. Volume 6, livro 1. Artigos (esboços). Trabalhos científicos. Apelos. Cartas abertas. Discursos 1904-1922. Moscou: IMLI RAN, 2005, p. 146-150].

Dados acerca da história da Galeria de Astracã, das obras e de seus artistas e sobre Pável M. Dogadín. Acervo digital, publicado pela Galeria de Arte de Astracã. <http://agkg.ru/> (acesso de ago. a nov. de 2019).